

PERFORMUS23

Concerto 02

Sala Camargo Guarnieri (Bloco 3M)

28/09 / 19h

Nadia Boulanger e Lycia Bidart por um duo de viola e piano

Jessé Máximo Pereira
Universidade Federal de Minas Gerais
jmpviola@yahoo.com.br

Heron Alvim Moreira
Universidade Federal de Minas Gerais
alvim.heron@gmail.com

REPERTÓRIO

Nadia Boulanger (1887-1979)
Três Peças, para viola e piano (transcrição de Jessé Máximo Pereira)

Lycia de Biase Bidart (1910-1991)
O Lago
Viola do Céu

Duo Pereira-Alvim

Jessé Máximo Pereira - viola
Heron Alvim – piano

A atuação musical da francesa Nadia Boulanger possui várias facetas, sendo a principal delas a prática do ensino de música, pela qual é considerada uma das grandes professoras do século XX. Boulanger tinha também uma vocação para a composição musical e regência. No artigo de Pereira intitulado “Uma performance sob a ótica boulangeriana”, o autor evidencia o lado de Boulanger voltado para o seu entendimento sobre a performance. Ela compreendia que qualquer obra de arte, seja ela uma pintura, escultura ou composição musical, é superior ao observador ou ao artista que a interpreta. Uma execução perfeita, em sua opinião, é aquela em que também o criador da obra fica em segundo plano. “Essencialmente, uma interpretação sublime é aquela que me faz esquecer do compositor, esquecer do intérprete e esquecer de mim mesma; eu esqueço tudo, exceto a obra de arte.” (apud MONSAINGEON, 1988, p. 95, tradução nossa). Esse mini-concerto, que contém as obras Três Peças, de Boulanger e O Lago e Viola do Céu, da compositora brasileira Lycia de Biase Bidart propõe, portanto, novos caminhos para uma performance, por meio de uma reflexão sobre o interpretar versus o transmitir. O interpretar segundo Fogel, onde “[...] todo interpretar é sempre um apropriar. Interpretar, à medida que é apropriar, não é, por parte de algum sujeito-intérprete, impor ao interpretado, ao objeto, a sua vontade, os desejos e idiosincrasias de seu interior, modelando assim o interpretado, o objeto, à sua imagem e semelhança.” (FOGEL, 2011, p.115). E o transmitir, termo preferido de Boulanger, por um de seus significados, qual seja, deixar transparecer algo. Ela considerava que o papel do artista é lançar luz sobre uma obra. Iluminá-la sem lançar mão de meios inesperados para tal fim.

Referências

FOGEL, Gilvan. "Vida, realidade, interpretação". In: FAGUNDES, Igor (org.). Permanecer silêncio: Manuel Antônio de Castro e o humano como obra. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2011.
MONSAINGEON, Bruno. Mademoiselle – conversations with Nadia Boulanger. MARSACK, Robyn (Trad.). Boston, EUA: Northeastern University Press, 1988.
PEREIRA, J. M. Uma performance sob a ótica boulangeriana. DEBATES | UNIRIO, n. 20, p.131-147, mai., 2018. p. 132.

PERFORMUS23

Concerto 02

Sala Camargo Guarnieri (Bloco 3M)

28/09 / 19h

Ciranda das Sete Notas de Villa-Lobos

Marcos Taveira

USP

marcos.taveira@usp.br

Mauren Frey

UDESC

mauren.frey@gmail.com

Esta apresentação é resultado parcial da pesquisa sobre a Ciranda das Sete Notas, de 1933, peça importante dentro do repertório internacional para o fagote. A peça apresenta influência do modernismo internacional e apresenta uma vanguarda do modernismo nacional com uma fusão de elementos nacionalistas e neobarrocos. Encontramos um equilíbrio entre esses elementos e a identificação desses traços contribui sobremaneira para a elucidação e direcionamento das questões interpretativas na obra. Outro ponto importante para essa construção é o encaminhamento formal da peça, principalmente através dos seus movimentos cadenciais. A peça apresenta forte relação com outras obras camerísticas de Villa-Lobos e os elementos que funcionam como uma espécie de assinatura, ou características idiomáticas do compositor que foi influenciado pelo modernismo internacional, principalmente por Stravinsky e Debussy e, ao mesmo tempo, influenciou uma série de compositores brasileiros de gerações posteriores. Essa apresentação será realizada com a redução de piano, podendo ser complementada pelo Duo para Fagote e Piano de Cláudio Santoro, de 1982, peça contrastante.

PERFORMUS23

Concerto 02

Sala Camargo Guarnieri (Bloco 3M)

28/09 / 19h

A sonoridade brasileira de Nelson Salomé

Raphael Ferreira (saxofone)

Rosiane Lemos (piano)

O duo formado pelos músicos Raphael Ferreira e Rosiane Lemos, apresentará duas obras do compositor mineiro, Nelson Salomé: Capão Triste e Clarice, além da peça para piano solo, Baião de 2 [Tocata em Ré]

Programa

Capão Triste (1985), foi inspirada em valsas populares francesas, tocadas em acordeon. Escrita originalmente para flauta e piano, foi adaptada para outros instrumentos de sopro. Capão Triste é uma região montanhosa, situada em uma reserva ecológica na zona rural de Baependi, onde nasceu a cunhada do compositor, Maria Rita, a quem dedicou a obra. O choro-canção Clarice (1982), dedicado à mãe do compositor, foi estreado num festival “Cante e Conte” no início dos anos 80 em Baependi. Foi escrita originalmente para bandolim, sopro e conjunto regional.

Baião de 2 [Tocata em Ré] (1997), pensada inicialmente em uma pequena peça, com finalidade de introdução à uma notação mais contemporânea, visando os iniciantes ao piano. Mas no decorrer do processo criativo, Salomé, optou por um grau maior de dificuldade técnica, decorrente do caráter de tocata que permeou o desenvolvimento da composição. Houve a intenção de homenagear o “Rei do Baião” Luís Gonzaga, ao utilizar modos característicos da música nordestina. O emprego de notas repetidas, um longo pedal de Ré e trechos mais virtuosísticos, remetem ao grande J.S.Bach e o número 2 é uma alusão ao uso de dois dedos que ocorre no início da peça com revezamento das mãos, como uma criança brincando ao piano.

Baião de 2 [Tocata em Ré] (1997)

Clarice (1982)

Capão Triste (1985)

Compositor: Nelson Salomé (1950)

PERFORMUS23

Concerto 02

Sala Camargo Guarnieri (Bloco 3M)

28/09 / 19h

TAMUÍA duas peças para clarineta

Joel Barbosa

I – Aimberê para clarinete

II – Cunhambebe para duas metades de clarineta

Os títulos das peças se referem aos líderes tupinambá Aimberê e Cunhambebe, protagonistas da Guerra dos Tamoios no século XVI. As peças fazem uso de sonoridades não convencionais produzidas por técnicas estendidas. Na primeira peça, Aimberê, a clarineta imita sonoridades de flautas primitivas e da mata. Na segunda peça, Cunhambebe, a clarineta se apresenta dividida em duas metades, inferior e superior. Elas são tocadas juntas e separadamente. Quando juntas, as duas metades se conectam pela boca do clarinetista, mas não verticalmente como na configuração tradicional do instrumento. William O. Smith disse ter se inspirado nos aulos gregos ao escrever para as duas metades de clarineta na década de 1960. A obra reflete impressões, imagens e sentimentos colhidos em relatos históricos da Guerra dos Tamoios. De alguma maneira, ao inspirar e soprar no instrumento, o clarinetista busca escutar os resquícios sonoros da Guerra que ainda ecoam no ar do presente.